

Crescimento econômico sem justiça social

Dados oficiais mostram que, apesar do bom desempenho industrial, o ES mantém concentração de renda

DENISE ZANDONADI

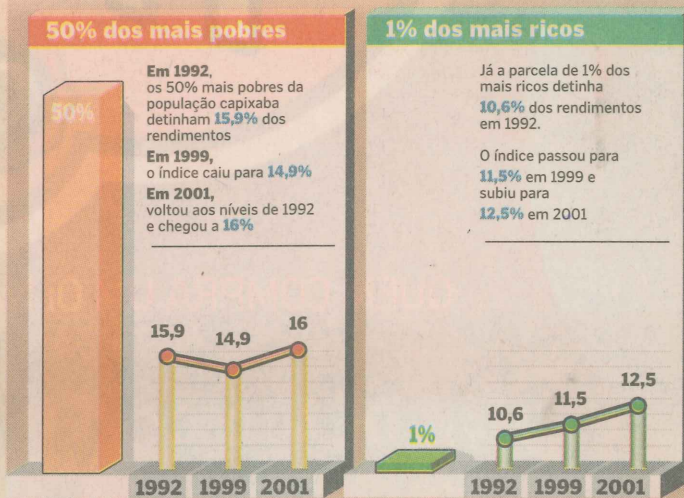
O Espírito Santo tem se notabilizado, nos últimos anos, por índices de crescimento econômico acima da média nacional. Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam, por exemplo, que, em maio, a produção industrial registrou crescimento de 23%, contra média nacional de -0,3%. Mas o desempenho econômico dos últimos dez anos não representou, em contrapartida, um aumento na renda da população, de modo geral. Ao contrário, analisando os números do IBGE, é possível perceber que houve maior concentração de renda.

A parcela de 50% da população mais pobre do Espírito Santo detinha, em 1992, 15,9% da renda estadual. Em 1999, este percentual caiu para 14,9%, apesar do crescimento da indústria. Já em 2001, o percentual subiu para 16%, mas, segundo o especialista em políticas públicas Roberto Simões, isso não representa crescimento, mas apenas um retorno aos níveis do início da década de 90.

Outro dado que comprova a queda ou estagnação da renda do capixaba nos últimos dez anos é o Índice de Gini, que varia de zero a um. Em 1992, esse índice era de 0,539, enquanto que em 2001 ele chegou a 0,543, com uma variação mínima. Em nove

Números

As estatísticas do IBGE e do Ipes mostram que o crescimento econômico, no Espírito Santo, não se reflete diretamente na distribuição de renda e na redução da desigualdade social. Confira os dados



Outros números

40% mais pobres

40% mais pobres detinham renda média de **0,63 salário mínimo** em 1999.

Em 2001, o avanço foi pequeno: os 40% mais pobres tinham renda de **0,84 salário mínimo**.

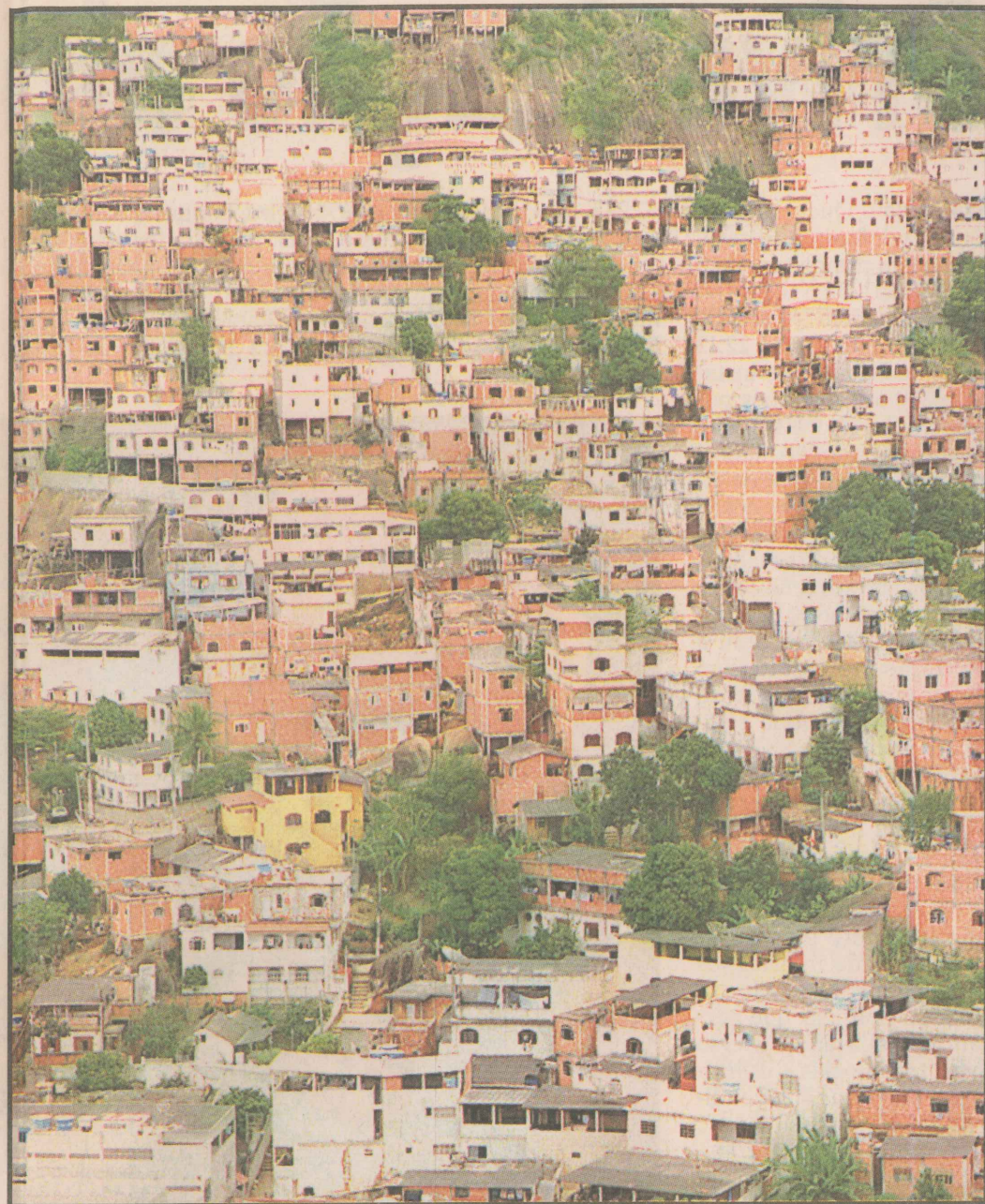
10% mais ricos

Em contrapartida, os 10% mais ricos no Estado tinham rendimento médio de **9,77 salários mínimos** em 1992.

Este rendimento passou para **13,76 salários mínimos**.



Nos 5 primeiros meses do ano, **104,9 mil trabalhadores capixabas perderam o emprego**, número 20% maior que o registrado no ano passado.



POBREZA

Morro de São Benedito, uma das regiões carentes de Vitória; os 40% mais pobres do Estado têm renda média de apenas 0,84 salário mínimo, praticamente o mesmo valor de dez anos atrás

Desemprego tem alta de 20%

Na contramão do crescimento da indústria, o índice de emprego no Estado não registra o mesmo desempenho. Isto se deve, segundo os especialistas, à crescente automação no setor industrial que, apesar de crescer mais que a média nacional, não cria novas vagas de trabalho no mesmo ritmo.

Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho mostram que, nos cinco primeiros meses do ano, 104,9 mil trabalhadores capixabas perderam o emprego, número 20% maior

do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Os setores da economia que mais desempregaram no mês de maio foram serviços, comércio e construção civil, além de agropecuária. Segundo o coordenador de Pesquisas do Ipes, Wallace Millis, houve crescimento nos segmentos da indústria química, que engloba papel e celulose e extrativa mineral, onde entra a exploração de petróleo. Os dois têm a produção basicamente destinada ao mercado externo.

Além do emprego mais difícil, os trabalhadores enfrentam a queda no poder de compra, uma vez que a massa salarial não acompanha a inflação. De janeiro a maio deste ano, houve uma redução de 4% no volume da massa salarial paga aos capixabas.

Outro dado que mostra a redução no índice de trabalho foi a queda de 0,3% no número de horas trabalhadas no país de janeiro a maio. No mesmo período houve um crescimento pequeno no Espírito Santo, de 1,96%.

variação mínima. Em nove anos, praticamente não houve alteração na distribuição de renda.

Segundo a pesquisadora do IBGE Shella Bodart, o Índice de Gini mostra que a distribuição é melhor quanto mais próximo de zero estiver a totalização, e pior, quanto mais de próxima de um. Para definir esse tipo de índice são levados em consideração fatores como acesso à educação, ao saneamento básico e a serviços de saúde, além da distribuição de renda das pessoas ocupadas, com rendimento do trabalho.

Renda média

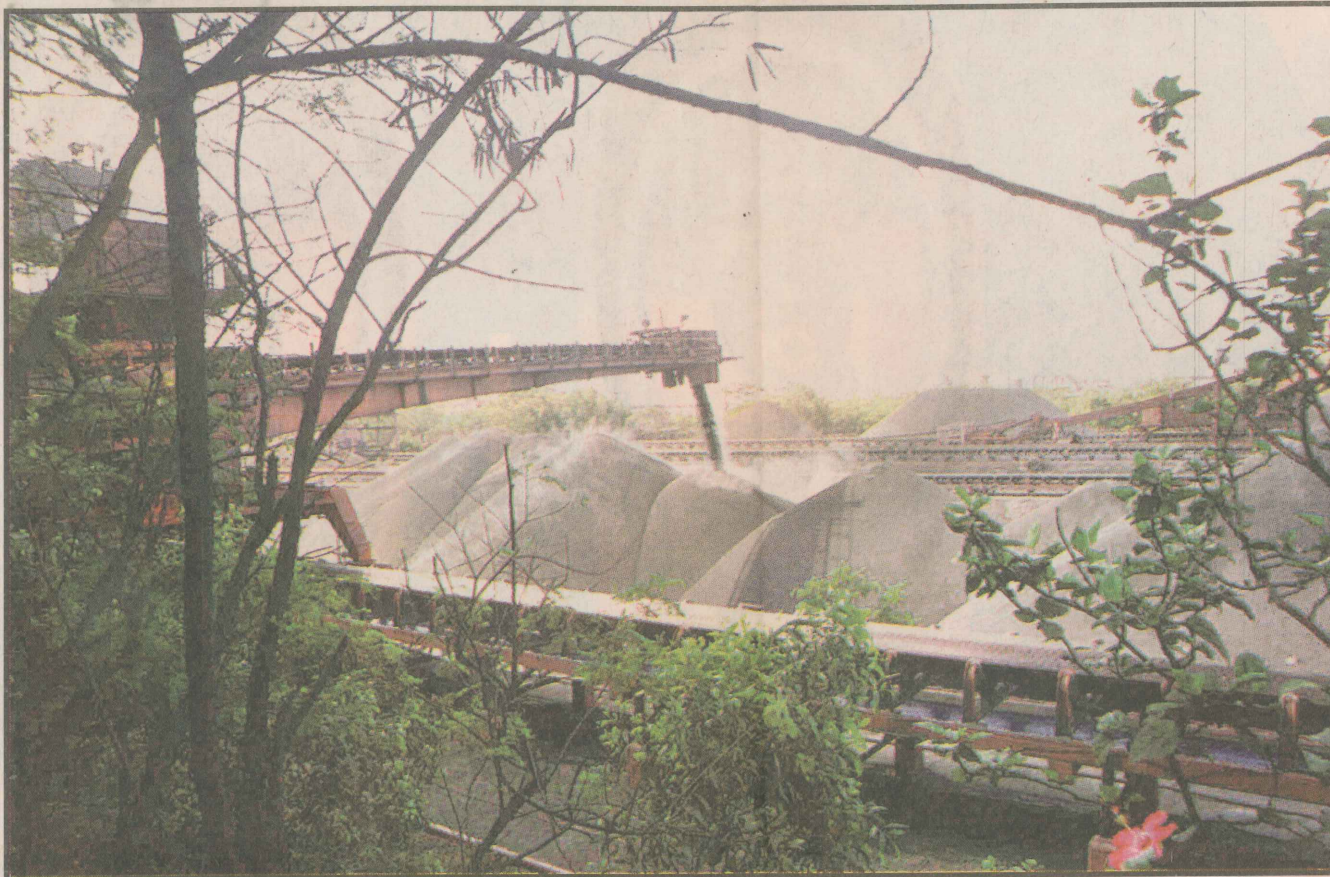
O acesso à renda pode ser medido, ainda, por outro indicador do IBGE. Ele mostra como está o acesso à renda dos 40% mais pobres da população. Em 1992, esse percentual da população capixaba tinha rendimento médio de 0,63 salário mínimo. Em 2001, os mesmos 40% mais pobres tinham rendimento médio de 0,84 salário.

Apesar de ter havido um crescimento mínimo, os dados indicam que a concentração de renda praticamente permaneceu a mesma, independentemente do crescimento industrial do Estado.

A situação também não melhorou muito para os 10% mais ricos. Os dados do IBGE mostram que, em 1992, esta parcela da população tinha rendimento médio de 15,45 salários mínimos. Em 2001, este rendimento médio caiu para 13,76 salários mínimos.

Esses dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Em termos comparativos, a média do Estado está abaixo da obtida na Região Sudeste, onde os 10% mais ricos detinham, em 2001, rendimento médio de 17,65 salários mínimos, enquanto que o mesmo percentual, em 1999 detinha 16,20 salários. A concentração de renda ocorreu em todas as regiões nos últimos dez anos.

Gilido Loyola



Gilido Loyola



EXPORTAÇÃO

As empresas voltadas para o mercado externo, como indústrias de minério de ferro e de celulose, puxam o crescimento do Estado, que lidera o ranking nacional da produção há 14 meses. Mas outros setores, que dependem do mercado interno, enfrentam crise econômica e sofrem com a queda nas vendas, provocando demissões

ES lidera produção há 14 meses

O Espírito Santo vem liderando, há 14 meses seguidos, o índice de crescimento na indústria. Considerando que não houve avanços, em 2002, em relação à distribuição de renda, pode-se observar que não há alteração nos níveis médios de renda dos 40% mais pobres da população.

Para se ter uma idéia do desempenho do Espírito Santo, basta ver os índices industriais comparados com o resto do país. Em maio, a produção capixaba registrou crescimento de 23%, contra média nacional de -0,3%. No acumulado dos primeiros cinco meses do ano, o Espírito Santo alcançou 22,1%, contra uma média nacional de 0,6%. Os Estados que tiveram índice mais expressivo foram Bahia (4%), Paraná (3,5%), Rio Grande do Sul (3,3%) e Rio de Janeiro (3,4%), todos bem abaixo do Espírito Santo.

O coordenador do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes), Wallace Millis, lembra que os destaques são os segmentos de extrativa mineral e papel e celulose. Mas outros segmentos vêm apresentando desempenho positivo, como a indústria de transformação, comércio, serviços e agropecuária.

Os segmentos que não apresentam crescimento são os que produzem para o mercado interno, "porque a queda nos rendimentos está afetando sensivelmente o consumo". A tendência é que os setores da indústria capixaba voltados para a exportação mantenham o bom desempenho, o que inclui as empresas de papel e celulose e minério de ferro.